

Nos 75 anos de

# MANUEL DA FONSECA

## MEMÓRIA E VERDADE DA SUA POESIA E FICÇÃO

por Serafim Ferreira

*A poesia de Manuel da Fonseca continua a existir com a sua frescura inicial e a sua energia, a sua capacidade de comover e seduzir, o seu reservatório de sonho, o seu mistério.*

MÁRIO DIONÍSIO

NA forma pessoalíssima de se assumir como Poeta (lembramos que *Rosa dos Ventos* é de 1940 e *Planície* data do ano seguinte), é por aí que se inscreve o *sentido* mais profundo do que define a obra de Manuel da Fonseca, quer no domínio da poesia, da crónica ou da ficção. Mesmo na sua revelada e consentida ingenuidade lírica, os poemas de *Rosa dos Ventos*, lidos à distância de quase cinquenta anos, entendem-se como a «chave» possível desse magma humaníssimo que percorre toda a sua obra e se afirma na galeria de figuras que nela perpassam: Rosa Charneca, Maria Campaniça, Mariazinha Santos, Amanda Carrusca, Tóino Revel, António Palma, Zé Jacinto, António Valmorim, entre tantas outras de que nos falam as histórias do autor de *Cerromaior*.

De facto, na brevidade do tom poético desde logo espelhado em *Rosa dos Ventos*, o que se grita é já a essência do que permanecerá como atitude e linha de força da sua expressão: um lirismo anarquizante e revoltado, um sentido de vagabundagem para entender o mundo em redor como memória e forma de salvação, mas onde a esperança, a denúncia, a ternura ou o espanto se impõem como sinais de querer transformar a realidade dentro de valores humanos que se prendem a esse tempo de injustiças, de medos e de mortes nos olhos, alinhados ou perdidos pelos lugares da sua inconfundível visão alentejana. Não que o Alentejo se erga por aí como «mística» pessoal, mas sobretudo por não poder nunca esquecer os lugares míticos de infância, que reinventa sob os nomes poetizados de Cerromaior, Aldeia Nova, Valmorado ou Montemaior. E a senha desse entendimento no início da caminhada se denuncia nestes primeiros versos:

*Olhai o vagabundo que nada tem  
e leva o Sol na algibeira!*

ou neste modo de proclamar a sua inalterável divisa:

*Hoje e depois e todos os dias que vierem,  
amo a vida mais e mais  
que aqueles que sabem que vão morrer amanhã!*

Porém, toda a obra de Manuel da Fonseca é um apelo visceral à memória e verdade do que a vida e as gentes conhecidas sempre lhe ensinaram e foram matéria e razão de ser da sua arte literária. E na consciência lúcida de saber, como em tempos afirmou, que «é preciso que a realidade seja já em mim pura invenção para que eu a reconstrua, para que eu a cante». Por isso, esse *canto* se ergue do fundo da memória e da vida, permanece na sombra e presença distante desse *largo* mítico por onde se descrevem os sinais de infância e onde tudo para sempre ficou como «experiência adquirida que ganha em humanidade aquilo que poderá perder em realidade».

Ora, é a esse *largo* simbólico que Manuel da Fonseca regressa a cada passo e por aí tudo se levanta na força criadora dos seus poemas ou das suas belíssimas histórias, como nos evoca no primeiro conto de *O Fogo e as Cinzas*: «Antigamente, o Largo era o centro do mundo. Hoje, é apenas um cruzamento de estradas, com casas em volta e uma rua que sobe para a vila. Era através do Largo que o povo comunicava com o mundo.»

Sabemos hoje como esse *largo* mítico, nos lugares da memória em que tudo se passa, vive e ainda mora, é *principalmente Santiago*, sendo exacto e conhecido que o coração da vila e das suas gentes, mesmo nos passos andados e cruzados por Lisboa em certas e incertas aventuras, nunca deixou de estar presente na lembrança que guarda desse *largo* tão relembrado em muitos versos:

*No largo,  
a noite tem estrelas cansadas de luzir.*

---

*Senhora vizinha, de crepes de viúva,  
porque não deixa vir a sua menina  
brincar para o largo?*

---

*Nove casas,  
duas ruas,  
ao meio das ruas  
um largo,  
ao meio do largo  
um poço de água fria.*

---

*Foi para a escola e aprendeu a ler  
e as quatro operações de cor e salteado.  
Era um menino triste:  
nunca brincou no largo.*

*Quando Francisco Charrua  
chegou ao largo gritando:  
Eh! gente, estalou a guerra!  
Zé Gaio de alvoroçado  
pôs-se a bater o fandango.*

Mas o seu *largo* de Santiago revela-se também como sinal de partida, por onde a verdade da vida se estreita em horizontes de mágoa e revolta:

*É tão vazia a nossa vida  
é tão inútil a nossa vida  
que a gente veste de escuro  
como se andasse de luto.*

E assim o Poeta um dia abandona o largo sem nunca o esquecer. E (ainda) grita:

*Eu vou-me embora para além do Tejo,  
não posso mais ficar!*

E, nesse sentido de nítida vagabundagem que há-de deixar inscrito noutros poemas, desabafa em tom dorido e sobressaltado:

*Não tenho escala marcada  
nem hora para chegar:  
é tudo conforme o vento,  
tudo conforme a maré.*

Parte desse seu largo de infância, mas não o abandona o desejo sentido e perseguido de «*compor um poema / onde fremente / cante a vida*». E sabemos hoje como Manuel da Fonseca o soube fazer na força expressiva da sua arte e na simplicidade dos seus versos ou histórias. Mas não se julgue que essa simplicidade é fruto de acaso ou mera atitude populista de querer agradar. Não. Sempre teve consciência de que a «*imaginação*» se confunde com a «*realidade*» e esta pode ser mais inventiva do que a verdade e lição de todas as coisas que a vida ensina. E daí este nítido e intencional aviso: «*As pessoas de quem escrevo são as que houve na minha vida. Gente de família ou conhecida. Nelas me fui descobrindo e sendo eu próprio as vidas que contei. [...] Contar a vida dos outros é interrogar a nossa própria vida. Só o tempo depura. Ficção constrói-se com o que fica do passado. Revive-o.*»

E nesse acto de reviver o passado, no retorno ao largo de infância que se não varreu de sua memória, o Poeta sempre nos lembra:

*Em Cerromaior nasci.  
Depois, quando as forças deram  
para andar, desci ao largo.  
Depois, tomei os caminhos  
que havia e mais outros que  
depois desses eu sabia.*

E, porque o Poeta tem o coração do tamanho do mundo, na evocação sentida e comovente dos seus «desgraçados amigos» ou dos «companheiros antigos de bibe e pão», a memória e verdade da vida se entrelaça nessa comunhão expressiva e rica nos valores humanos que canta e sonha. Por entre alguma sentida ironia e candura, misto de amarga experiência sofrida e conhecida pelos caminhos da vida:

*Domingo que vem,  
eu vou fazer as coisas mais belas  
que um homem pode fazer na vida!*

Por exemplo, ouvir (ainda) no largo da vila a Tuna do Zé Jacinto «*tocando a marcha Almadanim*».

Porém, a transfiguração poética que se espelha numa obra de profundas raízes na história da nossa melhor literatura lírica e oral, cujas fontes remontam aos sinais mais longínquos da própria identidade cultural portuguesa, é ainda razão evidente de que a obra do autor de *Seara de Vento*, na verdade e humanidade das suas «histórias exemplares», se depura nesse sentido simbólico e poético que define as grandes obras. E o sentimento humanizado que por ela se atravessa conduz-nos à certeza de ser por aí que Manuel da Fonseca se afirma como um escritor em que a força do seu encantamento pessoal, a par do dramatismo, ironia ou ternura de muitas das crónicas, poemas e histórias, se ergue como um poeta e ficcionista em quem a vida se retrata ou projecta em valores culturais de expressiva riqueza humana. Na linha dos nossos maiores poetas de ontem e de hoje, a par de referências literárias que sempre se fazem no inevitável paralelismo da sua obra, Manuel da Fonseca retoma, pelos caminhos da prosa ou da poesia, essa corrente caudalosa que como os grandes rios atravessa os campos e veredas da nossa comoção e emotividade e nos faz desaguar nos mares imensos por onde a vida se renova em cada ciclo da própria criação e transformação.

E se em relação à sua obra muito se disse e *está dito*, não é menos exacto afirmar-se, como forma de visitar as suas melhores páginas, que na releitura dos seus poemas, romances ou histórias de ficção, o que se desvenda a nossos olhos é ainda e sempre esse último *sentido* visceral de quem desde cedo soube olhar a vida e os homens e por eles se levantar no coro de protestos e de raivas contra as injustiças do mundo em redor. E, como os grandes escritores do nosso tempo, o que a sua obra nos faz encarar e compreender, mesmo na brevidade dos poucos livros que escreveu, é esse profundo sentimento de quem pelos caminhos da beleza reinventa a vida nos estreitos limites do que é mais efémero ou passageiro, mas que permanece e se entende sob outros olhares em cada nova leitura ou descoberta dos segredos da escrita. E por isso sempre protesta e clama:

*E os dias claros, inundados de vida,  
perdem o brilho nos olhos do poeta  
que escreve poemas de revolta com tinta de sol  
na noite de angústia que pesa no mundo.*

Concluída assim esta viagem revisitada de muitas histórias e poemas, podemos lembrar ainda estas palavras de Jorge de Sena: «Alguns dos seus poemas ficarão entre os mais comoventes do seu tempo, sem deixarem de ser, apesar de um muito pessoal e subtil anarquismo, exemplos superiores de um neo-realismo espontâneo, sem cálculos nem artifícios.»

E, pelo sonho em que vamos nas azinhagas e caminhos da vida, saber quase no fim da viagem que *a eternidade é ser livre e amar* e, como senha do entendimento desse singular e pessoalíssimo universo literário, consolidado na *memória* do largo de infância que é a sua vila de Santiago a que sempre regressa e na *verdade* das figuras humanas com que povoa as suas histórias, ouvir o Poeta dizer:

— *Ser espontâneo dá-me sempre muito trabalho.*

Agosto, 1986.



Desenho de MANUEL RIBEIRO DE PAVIA  
na capa de ALDEIA NOVA (1942)

Para comemorar os 75 anos do autor de Aldeia Nova, o Museu Municipal de Santiago do Cacém organizou uma exposição biobibliográfica da 'Vida e Obra de Manuel da Fonseca', que esteve patente na sala de exposições daquele Museu entre 14 de Junho e 15 de Agosto de 1986. Durante esse período realizaram-se várias palestras e colóquios literários, com intervenções de Fernando Piteira Santos, Baptista-Bastos, Serafim Ferreira e do próprio Manuel da Fonseca. O catálogo desta exposição, a par de uma biografia e resenhas críticas, contém um primeiro esboço bibliográfico da obra do escritor e das traduções e antologias em que se incluem muitos dos seus contos, poemas ou crónicas.